



SURDEZ E CULTURA COMO REPRESENTAÇÃO DA IDENTIDADE SURDA

Pamela do Socorro da Silva Matos¹

Luciano Bruno dos Santos Lobato²

Categoria: Comunicação oral

Eixo Temático/Área de Conhecimento: Acessibilidade e Educação Especial

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar a identidade surda através da relação de representação social a partir do pensamento do autor Serge Moscovici na cultura surda e no contexto da realidade social das pessoas surdas. O texto aborda o conceito de representação social a partir da visão da sociedade em relação ao “ser surdo”, adotando experiências e ideias dos autores Oliveira (2005) e Strobel (2008) além de outros, apresentando um breve histórico social da cultura surda, identidade surda e suas representações, concluindo que cada pessoa tem a sua representação na visão do outro e na sua própria visão, mostrando-se que ações discriminatórias sejam acudadas a ponto de serem erradicadas numa sociedade inclusiva de nossa realidade social.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade, representação social, surdez.

¹Mestre em educação da UEPA, graduada em licenciatura em pedagogia (UVA) e licenciatura em letras libras (UFSC). Professora do magistério superior na Universidade Federal do Amapá (Unifap). Email: pamelapaap@gmail.com

²Graduando em Pedagogia pelo Centro Universitário Luterano de Santarém, Professor do Pacto Nacional de Alfabetização na Idade Certa – PNAIC/MEC e Professor/Intérprete de Libras da Superação Consultoria Educacional. Email: lucianobruno.stm@gmail.com



UNIFESSPA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ



INTRODUÇÃO

Este artigo trata-se de uma pesquisa concluída, e procura fazer uma relação entre o conceito de “representação social” na visão de Moscovici (2003) e a visão de representação social explanada principalmente pela autora surda Strobel (2008).

Procura colocar em destaque a visão que a sociedade tem sobre as pessoas surdas, encarando-as como “deficientes”, “incapazes” e “anormais”, especialmente nas instituições educacionais, sociedade essa composta por adultos e crianças. Opiniões formadas e que carregam certo pré-conceito em suas narrativas sobre o surdo. Para Oliveira (2005), as representações sociais constituem práticas discriminatórias sobre as pessoas com necessidades especiais no contexto educacional.

OBJETIVO

Destacar o conceito de cultura e como ela influencia na representação da identidade do sujeito surdo como cidadão detentor de uma identidade cultural própria. O texto mostrará que as experiências visuais são muito importantes para que os surdos reproduzam através de sua própria visão uma representação do outro destacando que a língua de sinais é um fator muito forte no processo de representar um grupo que é capaz de se desenvolver como cidadão. Explanará-se que a família pode contribuir ou não para que o sujeito surdo se desenvolva nas suas próprias especificidades.

METODOLOGIA

O presente artigo desenvolveu-se durante interação de um grupo de pesquisadores surdos e ouvintes, na região oeste do Pará.

O mesmo constitui-se como um meio de reconhecimento, valorização e respeito á comunidade surda, especialmente aos surdos, visto em nossa sociedade como seres de minorias linguísticas e sem identidade e cultura, fator que nos objetivou a destacar tais conceitos dos autores adotados, embasando e fortalecendo o discurso da realidade social dos surdos como seres representativos de uma identidade própria e cultura multifacetada.

Isso ocorre, porque, nenhum ser ouvinte ou integrante de uma “sociedade padronizada” pode definir sua língua de maneira culturalmente única e completa, pois, na sociedade em que vivemos, estamos sujeitos á variadas línguas, á diversidade social e cultural.

RESULTADO E DISCUSSÕES

A partir deste cenário, gera-se uma série de discussões relativas a sua “normalidade” e “anormalidade”, em busca de soluções para que a mesma legislativamente dita como deficiência pudesse alcançar um patamar elevado, que possibilitasse as pessoas surdas as mesmas oportunidades que as pessoas ditas ouvintes. Infelizmente não ocorreu conforme a principal necessidade dos surdos tais como acessibilidade, reconhecimento de sua língua, aceitação de sua cultura, apesar de toda a legislação que ampara os seus direitos, há muita coisa a se fazer para cumpri-las.

Nesse contexto, o individuo surdo é visto como fazendo parte de um grupo minoritário, sem representação e precisa de “cura” para exercer o seu papel como cidadão.

No passado os surdos não eram considerados seres humanos capazes, a audição e a oralidade eram vista como uma forma privilegiada e através dessas era possível manifestar a sua inteligência e a educação escolar dos mesmos sempre esteve voltada para o desenvolvimento da fala.

Berthier (1984, p. 165) *apud* Nascimento (2006) relata que a “criança” surda “era prontamente asfixiada ou tinha sua garganta cortada ou era lançada de um precipício para dentro das ondas. Era uma traição poupar uma criatura de quem a nação nada poderia esperar.”

Os sinais não eram considerados como língua, mas como gestos primitivos. Assim, quem não ouvia e não falava oralmente também não pensava (Quadros, 2006). Sendo assim, reconhecer o surdo é olhar para o seu diagnóstico, reconhecendo-o apenas pela sua “deficiência” e não pela sua “diferença” como um ser normal, ativo e social. A visão que a sociedade tem e que é transmitida de geração a geração é manifestada até mesmo nas escolas; muitos “alunos chamam aos alunos especiais de: “surdinho que baba. Olha o surdinho! Ah! Ele é louquinho. [...] Alguns alunos chamam de doidinho”. (OLIVEIRA, 2003:173) Não só os alunos tem esse pensamento, mas também os professores:

“Eu não quero uma criança com deficiência auditiva na minha sala. [...] eu não quero, eu não gosto, sabe, eu não me sinto bem. [...] a maioria das pessoas pensa que criança assim não aprende. [...] A escola não aceita, os professores tem medo, não aceitam, reclamam.” (Professora Beatriz/SP). (OLIVEIRA, 2003:174)

A história da educação dos surdos não é uma história difícil de ser analisada e compreendida, ela evolui continuamente apesar de vários impactos marcantes, no entanto, vivemos momentos históricos caracterizados por mudanças, turbulências e crises, mas também de surgimento de oportunidades. (PERLIN; STROBEL, 2006)

Santana e Bergamo (2005) observam que os surdos sempre foram “historicamente, estigmatizados, considerados de menos valor social”, pois faltava-lhes “a característica eminentemente humana: a linguagem oral e suas virtudes cognitivas. Diante disso, os surdos eram humanamente inferiores.”

Silva (1998) descreve que nas sociedades primitivas, eram exigidas de seus membros as condições para uma sobrevivência individual bem maior do que nas sociedades futuras. Quando uma pessoa não conduzia com o padrão social considerado normal, geralmente era abandonada ou isolada das demais pessoas.

Devido a isso, além dos surdos antigamente serem vistos como pessoas “anormais”, “ineducáveis” e “doente das orelhas”, por muitos anos não tiveram direito a vida considerados seres nascidos por maldição.

No século XVI, com objetivo de ensinar conceitos religiosos aos surdos, a igreja católica assume novas formas e cria “métodos combinados” para que os surdos pudessem aprender os ensinamentos religiosos, pois acreditavam que só assim eles se livrariam do pecado.

Os sujeitos surdos eram rejeitados pela sociedade e posteriormente eram isolados nos asilos para que pudessem ser protegidos, pois não se acreditavam que pudessem ter uma educação em função de sua anormalidade, ou seja, aquela conduta marcada pela intolerância obscura na visão negativa sobre os surdos viam-nos como anormais ou doentes. (PERLIN; STROBEL, 2006)

As pessoas surdas passaram a ser vistas como um grupo minoritário, que necessita ser curada, ou seja, pessoas sem representação social. Segundo Santos (2009):

“[...] é uma representação aberta e incompleta, a comunidade é ela própria dificilmente representável – ou é – o apenas vagamente – e os elementos constitutivos, também eles abertos e inacabados, furtam-se a enumerações exaustivas.”

Segundo Moscovici (2003):

“A representação é fundamentalmente, um sistema de classificação e de denotação, de alocação de categorias e nomes. Tais coisas, que nos parecem estranhas e perturbadoras tem também algo a nos ensinar sobre a maneira como as pessoas pensam e o que as pessoas pensam.”

Partindo dessa ideia, a surdez além de seu diagnóstico também é representada de forma diversificada com conceito de um determinado grupo social, residentes em locais diferentes, experiências próprias e de classe sociais opostas, mas que estão sempre ligados a algo incomum: A cultura.

Segundo Strobel (2008) a cultura é:

“Nos estudos e pesquisas sobre a cultura percebem-se variações desde concepções tradicionais até as mais recentes. As várias suposições limitadas em compreender a cultura resultam de um conjunto corriqueiro para referir

unicamente as manifestações artísticas. Ou é identificada como os meios de comunicação em massa ou, então, cultura diz respeito as festas e cerimônias tradicionais, as lendas e crenças de um povo, seu modo de se vestir, sua comida e a sua língua.”

Quando focamos no conceito de cultura surda, passamos a perceber que ela se manifesta de um jeito diferente dentro de uma cultura predominante que é a cultura ouvinte, e que os sujeitos surdos passam produzir sua própria cultura. Ainda citando a autora Strobel (2008), ela vem mostrando quais os aspectos marcantes que formam a identidade surda, através da cultura:

“o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modifica-lo a fim de se torna-lo acessível e habitável ajustando-o com suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.” (STROBEL, 2008)

Outra autora surda complementa este conceito fazendo uma ligação com a identidade surda:

[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com a maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o individuo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, da inclusão entre os deficientes, de menosvalia social.” (PERLIN, 2004)”

Na comunidade surda existem vários artefatos que em conjunto formam uma representação de seu grupo e que “na cultura constitui produções do sujeito que tem seu próprio modo de ser, ver, entender e transformar o mundo”. (Strobel, 2008:37)

A partir daí surge uma identidade, a que é cultural que se refere “ao sentimento de pertencimento a uma cultura, isto é na interação do sujeito surdo com sua comunidade.” (Strobel, 2008)

No contexto da representação social sabe-se que caracteriza-se a produção de saberes sociais focalizando na construção e na transformação do conhecimento da sociedade, entretanto a representação está sempre relacionada com o sujeito e o objeto, porém elas são conhecimentos construídos na relação do homem com ambiente a sua volta.

Já na questão da surdez, é inevitável a discussão entre representação x surdez, pois oportuniza a relação dialética entre o indivíduo “surdo” e a sociedade em geral, abrangendo uma visão mais ampla sobre suas reais características que são tanto “plurais” quanto singulares.

A experiência visual, a linguística, a família, a literatura surda, além de outros são alguns aspectos representativos dessa identidade, porém neste artigo serão destacado apenas quatro desses aspectos.

Segundo os autores surdos Perlin e Miranda (2003, p. 218) *apud* Strobel (2008) dizem:

Experiência visual significa a utilização da visão, em (substituição total a audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do interprete, de tecnologia de leitura.

É comum um grupo de surdos se encontrarem para conversar, é também comum um grupo de ouvintes saírem para conversar, porém, se esses grupos saem à noite e se acontece um problema de falta de energia qual deles vai continuar se comunicando? É claro indicar o segundo grupo, o de ouvintes, pois a sua cultura dos surdos é totalmente visual e se há um impedimento para tais essa representação visual é interrompida. Também é muito importante para as crianças surdas entrarem em contato com a sua língua materna para que elas criem a sua própria representação, de modo que isso “proporcionará acesso a linguagem e desta forma, estará também assegurada a identidade e a cultura surda, que é transmitida naturalmente a criança surda em contato com a comunidade surda.” (Strobel, 2008)

Partindo do pressuposto de que a experiência do surdo é totalmente visual, a expressão facial e corporal é muito importante, Strobel (2008) acrescenta que elas desempenham “outro papel de suma importância na conversação em língua de sinais”, que na língua oral esse processo é diferenciado, pois elas reforçam “uma ideia que está sendo transmitida.”

Na cultura linguística, a língua de sinais é uma língua que se utiliza em sinais, gramaticalmente com cinco parâmetros básicos entre eles, tendo a expressão facial e corporal ao invés de sons. Elas são de aquisição extremamente visual e produção espacial e motora é a língua natural dos surdos. Há no mundo muitas línguas de sinais usadas como forma de representação comunicativa entre pessoas surdas e todos os envolvidos na comunidade surda.

Falando sobre a língua de sinais Strobel (2008) destaca que:

[...] Se uma língua transborda de uma cultura, é um modo de organizar uma realidade de um grupo que discursa a mesma língua como elemento em comum, concluímos que a cultura surda e a língua de sinais seriam uma das referências do povo surdo [...].

Na fala da autora, podemos observar que foram citadas duas representações (língua de sinais e cultura surda), de acordo com Moscovici (2004), um “sistema de classificação”, no entanto, desconhecida por muitos.

A comunidade surda não é baseada apenas como grupos de pessoas surdas, mas envolvem também as famílias, amigos e professores especialmente aqueles que dividem os mesmos interesses e lutas em comum voltadas em defesa da língua de sinais.

Nas zonas rurais os surdos também desenvolvem suas representações linguísticas, mesmo não tendo contato com as comunidades surdas dos centros urbanos e nem aprendendo a língua de sinais, assim eles criam sua própria forma de se comunicar que são os “sinais caseiros” ou “sinais emergentes”. Strobel (2008) destaca como se dá esse processo:

[...] sem ter a noção das horas e dias de semana, observa ao seu redor que tem um dia da semana em que as frutas sempre são colhidas, o dia certo de ir a igreja, os dias em que o caminhão vem pegar o lixo e de quando o sol aparece no horizonte é a hora de ordenhar e pegar ovos, etc. Ele acompanha esta rotina de acordo com o seu “olhar” do dia-a-dia de sua vida e cria sinais que representam seu cotidiano.” (2008:44)

No Brasil, a língua de sinais é reconhecida legalmente sob a lei 10.436 de abril de 2002, denominado Língua Brasileira de Sinais sob a sigla Libras. Assim

como no Brasil, cada país tem sua própria representação em relação à língua de sinais, pois ela não é universal. Dessa forma a Libras representa um grupo de falantes que nesse caso são os surdos representados por uma língua de sinais.

Nascimento (2006) *apud* Berthier (1984, p. 175) diz:

“Tudo que eu posso dizer sobre a linguagem de sinais é que, ainda hoje, poucas das pessoas que falam têm uma precisa idéia do que consistem esta linguagem e sua genialidade”. Muito menos simples do que se costuma supor, ela tem um pequeno número de ingredientes em um infinito número de combinações e isto é avivado pelo jogo de fisionomias. Ela tem tudo que é necessário para representar todas as idéias que povoam a mente e todos os sentimentos que provocam o coração. Em resumo, ela sozinha combina a simplicidade e a universalidade da matemática, a mais perfeita de todas as ciências, com seus dez numerais”.

No contexto Familiar

As representações da pessoa surda tem muito a influencia de sua própria família, Quadros (1997) destaca o papel da mãe e do pai nesse processo:

“Certamente o papel de pai e de mãe, na sua teoria de mundo, representa aspectos fundamentais na formação de sua personalidade. Ao mesmo tempo, essa teoria de mundo será construída mediante interação efetiva através da língua de sinais.” (1997:81)

Quando uma criança nasce surda ou fica surda, há muitas divergências sobre em qual “caminho” a família deve colocar o seu filho. Os conselhos de especialistas da saúde e de especialistas na educação de surdos se diferem, famílias ouvintes que seguem o conselho de especialistas da saúde também ouvintes tem a esperança de tornar seus filhos “normais”, ao passo que famílias de surdos procuram seguir o conselho do povo surdo que ao colocar seus filhos em contato com a língua de sinais possam se desenvolver adquirindo sua identidade desde a tenra idade e se identificando como pessoa normal, e não como pessoa deficiente.

Strobel (2008) mostra a diferença que há entre a visão que famílias de surdos e ouvintes sobre seus filhos surdos:

“Nas famílias ouvintes, durante a gravidez, fantasiam que o filho esperado é o mais bonito, perfeito, inteligente e ouvinte. Quando nasce um bebê, os membros da família brincam, conversam e vivenciam todo o amor sentido por ele. Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não

normal” e ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperança de “cura” dessa “deficiência”, ficam ansiosas e questionam será que o meu filho surdo um dia ouvirá?” (2008:50)

“Se os profissionais oferecem tais estranhos conselhos, enxergando a criança surda não como presente de Deus, mas como um problema, então os pais surdos que estão seguros na sua identidade cultural, reconhecendo que eles tem mais experiências e conhecimento em criar crianças surdas do que os profissionais que os aconselham, ignoram tais informações. Ressegurados que nada foi encontrado de errado com sua criança, que ela é simplesmente surda, voltam para casa e prosseguem com suas vidas, cercados de recursos do “Mundo-surdo”, que oferece suporte, encorajamento, e os meios para existir e contribuir como um membro integro da sociedade, no mundo, de forma ampla, bem como no “Mundo-Surdo”. (LANE, HOFFMEISTER E BAHAN, 1996:30 *apud* STROBEL, 2008:49)

Diante dessas experiências vividas por famílias ouvintes e famílias surdas podemos perceber que muitos ouvintes encaram seus filhos surdos como “deficientes” em contra partida os surdos encaram seus filhos como pessoas capazes de se desenvolver tanto quanto uma criança ouvinte, apenas com uma língua diferente da oral que é visual.

A autora surda Laboritt (1994:59) citada por Strobel (2008) mostra ainda o que acontece com aquelas crianças surdas que são privadas da sua língua natural:

“Os adultos ouvintes que privam seus filhos da língua de sinais nunca compreenderão o que se passa na cabeça de uma criança surda. Há a solidão, e a resistência, a sede de se comunicar e algumas vezes, o ódio. A exclusão da família, da casa onde todos falam sem se preocupar com você. Porque é preciso sempre pedir, puxar alguém pela manga ou pelo vestido para saber, um pouco, um pouquinho, daquilo que se passa em sua volta. Caso contrário, a vida é um filme mudo, sem legendas”.

Muitas vezes os sujeitos surdos tem o sentimento de ódio por terem nascidos surdos, se sentindo inúteis e incapazes de participar da sociedade.

No olhar de Moscovici, as representações sociais deixem de ser um conceito e passem a ser um fenômeno a ser considerado de maneira mais profunda (Moscovici, 2003). Ele destaca ainda que tipos de representações sociais são influentes em suas pesquisas:

“Elas são as de nossa sociedade atual, de nosso solo político, científico, humano, que nem sempre tem tempo suficiente para se sedimentar completamente para se tornarem tradições imutáveis. [...] E a característica específica dessas representações é precisamente a de que elas “corporificam ideias” em experiências coletivas e interações em comportamento, que podem,

com mais vantagem, ser comparadas a obras de arte do que a reações mecânicas. O escritor bíblico já estava consciente disso quando afirmou que (a palavra) se fez carne; e o marxismo confirma isso quando afirma que as ideias, uma vez disseminadas entre as massas, são e se comportam como forças materiais.” (2003:48)

Para Moscovici (2003), a sociedade atual é aquela que estabelece uma imagem sobre o outro através de comparações com a maioria; se a maioria tem certa característica predominante são aqueles indivíduos que vão ser “normais”, mas se há um entre eles que possui uma característica diferenciada, ele vai ser visto como o “diferente”. Por isso o autor destaca o que a sociedade espera que realmente aconteça:

“Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias. A mudança como tal somente é percebida e aceita desde que ela apresente um tipo de vivência e evite o murchar do diálogo, sob o peso da repetição. Em seu todo a dinâmica de familiarização, onde os objetos, pessoas e acontecimentos são percebidos e compreendidos em relação a prévios encontros e paradigmas.” (2003:54,55)

É com essa expectativa que a representação feita sobre certo grupo prevalece, mesmo passando anos e anos espera-se que haja um padrão com respeito ao comportamento e a cultura. E quando se deparam com um padrão diferente do usual a tendência é de não aceitação do outro, o incomodo, pois estas pessoas são como nós e, contudo não são como nós; assim nós podemos dizer que eles são “sem cultura”, “bárbaros”, “irracionais” etc (MOSCOVICI, 2003:56).

Este imaginário se dá por relatos da sociedade a nossa volta, mas quando nos deparamos com a real situação é como se levássemos um choque diante da “diferença”. Isso se comprova num exemplo dado por Oliveira (2005):

“Gente!, quando ele chegou aqui na escola no primeiro dia de aula, nossa, os professores se assustaram, nunca viram uma coisa, como um aluno na escola que era totalmente paraplégico, não andava, era uma pessoa que para nossa sociedade era inútil. Como uma mãe tem coragem de colocar um filho assim na escola normal, noturna?” (Professora Diana/ SP).” (2005:174)

O que está impregnado nas mentes de tais pessoas é a visão passada de geração a geração de que o ser deficiente é o ser inútil e incapaz. E isso se espelha no que Moscovici (2003) declarou:

“[...] a observação familiar de que nós não estamos conscientes de algumas coisas bastante óbvias; de que nós não conseguimos ver o que está diante de nossos olhos. É como se nosso olhar ou nossa percepção estivessem eclipsados, de tal modo que uma determinada classe de pessoas, seja devido a sua idade – por exemplo, os velhos pelos novos e os novos pelos velhos – ou devido a sua raça – p. ex. os negros por alguns brancos, etc. - se tornam invisíveis quando, de fato, eles estão “nos olhando de frente”. (2003:30)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa pode-se notar que cada pessoa tem a sua representação na visão do outro e na sua própria visão. No contexto da educação especial é importante destacar que os educadores ainda precisam se refinar para que ações discriminatórias sejam acuadas a ponto de serem erradicadas numa sociedade inclusiva. Essa é uma tarefa árdua que talvez não tenha resultados satisfatórios, entretanto se cada um tiver respeito pelo outro criando uma representação de igualdade, e uma visão de que todos são capazes de acordo com suas próprias especificidades, será dado um passo muito importante para uma mudança de atitudes e modo de ver as pessoas com deficiência, e não as encarando como “deficientes”, mas sim “diferentes”, isto é, diferente no sentido de ter uma maneira diferente de ensinar e lidar.

Os surdos se enquadram no termo “diferentes”, pois eles são diferentes no sentido de ter uma língua diferente, uma maneira de “enxergar” o mundo de modo diferente e aspectos que influenciam na formação de sua identidade. Por outro lado, eles não se consideram diferentes apenas pessoas iguais às outras que utilizam meios diferentes de se desenvolver.

Portanto, assim como qualquer outra cultura, a cultura surda está presente em nossas vidas, apenas não a percebemos de maneira clara como os próprios sujeitos surdos, ela é rica, valiosa e inerente a cada ser, fazendo com que eles tenham uma representação na sociedade.

REFERÊNCIAS

GUARINELLO, Ana Cristina. **O papel do outro na escrita dos sujeitos surdos**. São Paulo: Plexus, 2007.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigação em psicologia social**. Rio de Janeiro, vozes, 2003.

NASCIMENTO, Lilian Cristine Ribeiro. **Educação Temática Digital**, *Campinas*, v.7, n.2, p.255-265, jun. 2006

<http://www.brapci.inf.br/_repositorio/2009/10/pdf_6a243f6d14_0006533.pdf> - acessado em 20/12/2014.

PADDEN, Carol; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PERLIN, Gladis. **O lugar da cultura surda**. In: THOMA, Adriana da Silva. LOPES, MAURA Corcini (Org.) **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**, Santa Cruz do Sul, EDUNISC, 2004.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karen. **Surdos: Vestígios culturais não registrados na história**. Dissertação de mestrado em fase de elaboração, na área de educação GES/UFSC, 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **Educação de surdos: aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.

SANTANA, Ana Paula; BERGAMO, Alexandre. **Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas**. *Educação e sociedade*. V. 26. N. 91. Campinas, maio/agosto, 2005.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência**. Ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Otto Marques da. **A epopeia ignorada: A pessoa deficiente na história do mundo de ontem e hoje**, São Paulo: Dedas, 1998.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2008.

IV CONGRESSO PARAENSE DE EDUCAÇÃO ESPECIAL
18 a 20 de outubro de 2017 – UNIFESSPA/Marabá-PA
ISSN 2526-3579